



"Os Parceiros do Rio Bonito" em diálogo com a literatura, a historiografia, a sociologia e a antropologia: reflexões sobre a obra de Antonio Cândido.

HUGO MATEUS GONÇALVES ROCHA*

O texto a seguir é baseado em parte das questões tratadas no primeiro capítulo da pesquisa de Pós-Graduação em História, que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Até o momento, o trabalho leva o título “Ensaio, Ciência e História em “Os Parceiros do Rio Bonito”: uma leitura historiográfica da obra de Antonio Cândido”. No texto original da dissertação¹, temos como objetivo realizar uma breve análise de como a divisão da obra por Antonio Cândido concede indícios da maneira como o sociólogo transitou entre campos do conhecimento das humanidades, quando tratou do processo de transformação social em curso no meio rural brasileiro entre as décadas de 1940 e 1950.

Deste modo, para a primeira publicação do livro, ocorrida no ano de 1964, Antonio Cândido optou pela seguinte divisão temática da obra: na primeira delas, intitulada “A vida do caipira tradicional”, o autor explorou o processo histórico e social de formação das sociedades rurais que habitavam a região por ele denominada como Paulistânia, entendendo esta como a região que sofreu interferência direta do processo de expansão colonial, considerando, sobretudo, a atuação bandeirante paulista (CÂNDIDO, 2010). A segunda parte foi denominada “A situação presente”. Nela, Cândido procurou apresentar a sua análise do presente caipira, baseada nas suas observações da condição presente daquelas sociedades, com base nas suas experiências etnográficas alcançadas por meio da pesquisa etnográfica realizada pelo autor entre os anos de 1947 e 1953 (CÂNDIDO, 2010, p. 16). Por fim, a terceira e última das seções de “Os Parceiros do Rio Bonito” foi denominada “Análise da Mudança”. Nela, Cândido procurou comparar a sua análise do processo histórico formativo das sociedades rurais da Paulistânia às suas observações do presente daquelas sociedades. As três seções são precedidas por um Prefácio (escrito pelo próprio autor), além da Introdução, na qual o sociólogo, de forma esquemática, apresentou os recursos metodológicos aplicados no

* Programa de Pós-Graduação em História – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais.

¹ Aqui, adequado a um artigo para integrar os Anais do XXIX Simpósio Nacional de História, realizado na Universidade de Brasília, em Julho de 2017. Aqui, adequado a um artigo para integrar os Anais do XXIX Simpósio Nacional de História, realizado na Universidade de Brasília, em Julho de 2017.

curso da pesquisa; além de uma Conclusão², a qual, segundo ele, é permeada por suas disposições políticas e “pontos de vista” (CÂNDIDO, 2010, p.186). Com base nesta estrutura, destacamos um fragmento do texto inaugural da terceira seção do livro, no qual o autor retomou, sinteticamente, os temas tratados até aquele momento do livro:

Na primeira parte, a cultura caipira foi apresentada em função dos níveis mínimos, mas organicamente entrosados, de subsistência e vida social, exprimindo um tipo de economia semifechada. Esta foi caracterizada pela estrutura de agrupamentos de vizinhança e o equilíbrio instável com o meio, obtido por técnica rudimentar.

Na segunda parte, descreveu-se uma situação que pode ser considerada de mudança em relação à anterior, podendo-se dizer que o agrupamento descrito revela a passagem de uma economia autossuficiente para o âmbito de uma economia capitalista, manifestando sintomas de crise social e cultural.

Em toda conjuntura de crise podem-se observar duas categorias principais de fatos: os de persistência e os de alteração. Os primeiros constituem aquela parte do equipamento cultural e das formas sociais que, oriundas do período anterior, perduram no presente, estabelecendo continuidade entre as sucessivas etapas dum processo total de transformação. Os segundos dão formações novas, geradas no seio do grupo, ou nele incorporadas por difusão, para reajuste de seu funcionamento.

Todo equilíbrio social - essencialmente dinâmico - supõe estes dois aspectos. Diz-se todavia que há mudança quando, nas variações de equilíbrio, os fatores de alteração avultam, até motivarem recomposição da estrutura. A situação de crise define-se, do seu lado, por tensões ainda não resolvidas, ou resolvidas parcialmente, entre os fatores de persistência e os de alteração, podendo originar reorganização ou desorganização mais ou menos profundas da estrutura (CÂNDIDO, 2010, p.186).

No fragmento, Cândido sintetizou os temas tratados nas seções anteriores, a fim de introduzir os debates que conformam a terceira seção de “Os Parceiros do Rio Bonito”. É possível indicar que, sob o ponto de vista do sociólogo, os temas abordados na primeira das seções de “Os Parceiros do Rio Bonito” tiveram base em sua pesquisa historiográfica, em diálogo com narrativas literárias, interpretações ensaísticas e análises historiográficas da expansão bandeirante, bem como temas correlatos ao meio rural brasileiro. Antonio Cândido buscou referências, principalmente, na interpretação de Sérgio Buarque de Holanda sobre a expansão bandeirante, além de representações das sociedades e da cultura caipira, principalmente aquelas escritas pelo folclorista Cornélio Pires, em meados da década de 1920 (HOLANDA, 1994; 2004; PIRES, 1985, 2002). A este conjunto de referências, somam-se

² Na edição adotada na pesquisa, existe também uma seção destinada a textos anexos, sendo, parte deles, conformados por escritos de Cândido produzidos no curso da sua pesquisa etnográfica. Frente à riqueza dos temas tratados na obra nas partes principais selecionadas para o estudo, compreendemos ser, por ora, possível considerar neste trabalho os textos acima indicados como tema central da corrente análise.

textos de outros autores que trataram temas associados ao meio de vida camponês no Brasil, produzidos, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX.

Ao lado destas representações do mundo rural, Cândido selecionou uma base documental composta por relatos memorialísticos de viajantes naturalistas e agentes da estrutura colonial lusa que, entre os séculos XVIII e XIX, descreveram a vida entre os períodos colônia portuguesa e do Império brasileiro. Dentre eles, Cândido destaca a sua base na análise dos relatos memorialísticos de viajantes naturalistas, a exemplo de Johan Baptist Von Martius, Johan Spix e August de Saint Hilaire, que entre o final do século XVIII e início do século XIX, realizaram diversas expedições de reconhecimento da flora, da fauna e das sociedades que povoavam os interiores da colônia portuguesa e, depois, do Estado independente. Esta base documental selecionada por Cândido também é composta pelas memórias do passado recente caipira, alcançadas por meio das entrevistas realizadas pelo sociólogo com agentes caipiras em seus contatos possibilitados pela pesquisa etnográfica.

Ao tratar sobre a segunda seção da obra, é notória a preocupação de Antonio Cândido de salientar que a escolha dos temas tratados na pesquisa foi permeada pelas observações do presente social caipira. Nos seis capítulos que conformam aquela seção de “Os Parceiros do Rio Bonito”, Cândido tratou de temas ligados à história das sociedades caipiras, a fim de analisar os traços socioculturais e econômicos que, ora permaneciam, ora desapareciam no curso da história social caipira, ou, ainda, que apresentavam transformações singulares, seja pela conservação de atributos do modelo tradicional daquelas sociedades rústicas, seja pela adequação daquelas coletividades à nova realidade imposta pela conjuntura política, social e econômica do Brasil na metade do século XX, marcada pela ânsia desenvolvimentista colocada em prática após o advento do Golpe de Estado protagonizado por Getúlio Vargas em 1930 (GOMES, 2013(a); 2013(b)).

Apesar das questões tratadas pelo sociólogo dizerem respeito à totalidade das sociedades rurais da Paulistânia, foi com base na análise das transformações ocorridas nos bairros rurais do “Morro” e da “Baixada” que Cândido optou por desenvolver a sua investigação sociológica. A leitura sintética de Cândido sobre as duas primeiras seções do livro nos permite considerar a perspectiva de Alceu Amoroso Lima (Assinando com o

pseudônimo “Tristão de Athayde”), acerca do desenvolvimento histórico da sociedade brasileira, conforme transcrito por Fernando Nicolazzi em artigo recentemente publicado:

(...) somos nacionalidades apressadas, onde todas as phases da civilização coexistem, desde o selvagem no ultimo gráo de decadencia, até as intelligencias mediterraneas e subtis, que se isolam ou murcham nestes tropicos excessivos e ainda primitivos. E de tudo isso emana a sensação do ephemero e um presentimento continuo de morte (ATHAYDE, 1924 apud NICOLAZZI, 2013, p.2).

Atentos à sugestão de Athayde, sobre a possível relação entre a sociedade brasileira e suas respectivas sensibilidades histórico-temporais, podemos abordar como, aparentemente, Cândido objetivou interpretar as distâncias entre a realidade caipira, face aos demais setores da sociedade brasileira, conectados às regiões de maior dinamismo socioeconômico. Assim, as sociedades caipiras, naquela conjuntura, se encontrariam afetadas pelas propostas desenvolvimentistas propostas pelo governo de Getúlio Vargas, principalmente, a partir da implantação do regime do Estado Novo, em 1937 (GOMES, 2013(a)). Deste modo, podemos, talvez, sugerir que a exemplo de Athayde, Cândido considerava importante tratar sobre as diferentes “fases” ou “estágios” em que se encontravam as sociedades caipiras, termo que fundamenta a sua análise do processo de transformação social em questão.

Antonio Cândido compreendeu o contexto estudado, baseando-se na díade permanência/alteração. Portanto, o sociólogo analisou os parâmetros sociais, culturais, técnicos e econômicos das sociedades caipiras em crise, além dos aspectos que apontavam para a permanência de traços das sociedades caipiras em processo de transformação do seu modelo tradicional. No texto “2. A cultura rústica” (CÂNDIDO, 2010, p. 25-27), pela primeira vez na obra, é possível notar o propósito de Cândido de esboçar sua compreensão sobre os principais aspectos identitários das sociedades e da cultura caipira. Para isso, cruzou referências dos estudos antropológicos de Robert Redfield, André Varagnac, Raymond Firth, Audrey Richard e Emílio Willems (CÂNDIDO, 2010, p.26). Nestes, o sociólogo encontrou o tratamento de temas ligados a processos de transformação de algumas sociedades rústicas. É também neste momento que ocorreram as primeiras referências de Cândido às representações ensaísticas de Cornélio Pires sobre a cultura caipira.

Para ilustrar alguns dos momentos do livro em que Cândido tomou como apoio a díade permanência/alteração, é possível afirmar que nos capítulos “7. População rural e parceria” (quando propõe refletir sobre a mudança no padrão das relações de econômicas e de

cooperação para o trabalho nas sociedades caipiras); “8. Os trabalhos e os dias” (quando o sociólogo trata sobre as transformações nas formas de execução das tarefas agrárias e alterações das relações dos agentes sociais caipiras com o tempo); ou ainda, no capítulo “12. Relações de trabalho e comércio” (no qual Cândido tratou da forma como as sociedades caipiras buscam se integrar à nova dinâmica econômica, aspecto que teria exigido de seus agentes o esforço de intensificar as relações com a economia ativa dos centros urbanos mais próximos a seus bairros rurais), o sociólogo contrapôs suas análises do passado caipira com suas observações do presente daquelas sociedades (CÂNDIDO, 2010).

É com base nesta proposta que, no décimo segundo capítulo de “Os Parceiros do Rio Bonito”, uma vez mais, Antonio Cândido investiu na perspectiva comparativa, pautada na relação entre o passado e o presente caipira, abordando, deste modo, como as transformações socioeconômicas e culturais geravam tensões no meio social rural brasileiro. Para exemplificar nossa proposta de análise, destacamos a forma o sociólogo tratou das transformações sociais naquele meio rural, e como elas afetavam o dia-a-dia das comunidades caipiras, considerando, para isso, o processo de inserção de novos elementos, até então, estranhos à cultura rústica caipira nas décadas de 1940 e 1950:

Começamos pelo plano econômico; na atual conjuntura ele é a chave dos demais e se manifesta principalmente através das flutuações do mercado. Tornadas excepcionalmente intensas na atual fase de desenvolvimento, elas são, para o caipira, um fator de desnorteio – na produção, na compra e na venda. A marcha da urbanização em São Paulo está ligada ao progresso industrial e conseqüentemente abertura de mercados; daí a penetração em áreas rurais, de bens de consumo até então menos conhecidos ou, na maioria, desconhecidos. Surgem assim, para o caipira, necessidades novas, que contribuem para criar ou intensificar os vínculos com a vida das cidades, destruindo a sua autonomia e ligando-o estreitamente ao ritmo da economia geral, isto é, da região, do estado e do país, em contraste com a economia particular, centralizada pela vida de bairro e baseada na subsistência [grifos do autor]. Doravante, ele compra cada vez mais, desde roupas e utensílios até alimentos e bugigangas de vários (sic) tipos; em conseqüência, precisa vender cada vez mais. Estabelece-se, desse modo, uma balança onde avultam receita e despesa (embora virtuais) – elementos que inexistiam na sua vida passada. Por outras palavras, surgem relações compatíveis com a economia moderna, que vai incorporando à sua esfera (CÂNDIDO, 2010, p. 189).

No fragmento que inaugura o capítulo “Relações de trabalho e comércio”, Cândido tratou de como o processo de transformação social em curso afetava de forma central a cultura e a sociedade caipira, quando essa conjuntura brasileira criava demandas até então inexistentes nas sociedades rurais (CÂNDIDO, 2010). Ao buscar esta análise do autor, temos

como objetivo materializar a concepção de como a divisão da obra pode ser interpretada como um aspecto sensível da proposta de analisar a apropriação do discurso historiográfico por Antonio Cândido, como um dos fundamentos da análise de caráter socioantropológico, que embasa “Os Parceiros do Rio Bonito”.

Quando ilustramos este aspecto da obra, tomando como base o capítulo inaugural da seção “Análise da mudança” buscamos, sobremaneira, fundamentar o propósito do presente texto. Afinal, fundamentados nos aspectos identitários de cada uma das três seções da obra (considerando, deste modo, o aspecto majoritariamente historiográfico da seção “I. A vida do caipira tradicional”, o caráter antropológico/etnográfico da seção “II. A situação presente”, e, por fim, o aspecto de análise sociológica que conformam os textos da seção “III. Análise de Mudança” (MOREIRA, 2015, p.40), procuramos fortalecer a nossa concepção do quão representativo se mostram as escolhas de Antonio Cândido na organização dos textos que compõem “Os Parceiros do Rio Bonito”.

A ideia de retomar temas tratados nas duas primeiras seções da obra como parâmetro analítico do processo de transformação social caipira é continuada nos capítulos que compõem a seção “III. Análise da mudança”. Antonio Cândido também pareceu projetar o presente sobre o passado das sociedades caipiras no momento em que tratou da alternância no arranjo social das sociedades rurais quando, no capítulo de número 15, nomeado “Posições e relações sociais” (CÂNDIDO, 2010); ou, ainda, no memento em que abordou as formas de resistência da cultura caipira, no decimo sétimo capítulo do livro, intitulado “As formas de persistência” (CÂNDIDO, 2010). Em diversos momentos dos textos que integram a seção final de “Os Parceiros do Rio Bonito”, o sociólogo esboçou sua compreensão de como a relação conflituosa entre as imagens do passado social caipira eram reavivadas no presente em função do processo de transformação que motiva sua análise em “Os Parceiros do Rio Bonito”. É essencial afirmar que, a proposta ora desenvolvida corrobora com as interpretações de Luiza Moreira e Luiz Antônio dos Santos, que inferem sobre as dificuldades em interpretar, de forma dissociada, cada uma das três seções que integram o livro (SANTOS, 2002; MOREIRA, 2015). No entanto, contrariando essa orientação, é inegável que a linha de análise explorada por Antonio Cândido em “Os Parceiros do Rio Bonito” não segue estritamente esta orientação em todos os momentos da obra.

Colocadas estas impressões gerais sobre a forma como o autor empreendeu suas análises em diferentes capítulos do livro, podemos afirmar que a associação entre as três seções de “Os Parceiros do Rio Bonito” tem base na proposta de Cândido em dissociar as interpretações sobre as formas como ocorriam as transformações sociais, culturais e econômicas, indicadoras de traços, ora de permanência, ora de transformação, em relação ao modelo de sociedade tradicional caipira.

Apesar de sucinta, com esta oportunidade, objetivamos apresentar uma pequena parte dos temas tratados na pesquisa desenvolvida nos últimos dois anos, que se encontra em fase final de escrita. Neste sentido, é fundamental assegurar nossa pretensão de problematizar as leituras de “Os Parceiros do Rio Bonito”, questionando compreensões clássicas do livro, que, de forma recorrente, associam-no à Sociologia e da Antropologia, restringindo, deste modo, algumas das análises da obra. Igualmente importante é nossa proposta de tratar como Antonio Cândido, por vezes, cruzou orientações teóricas e metodológicas buscadas nas Ciências Humanas, cruzando-as com a tradição dos ensaios interpretativos que caracterizam parte do pensamento social brasileiro no século XX. Na dissertação a ser apresentada em breve, exploramos de forma mais profunda as questões ora tratadas parcialmente, bem como outras, que fundamentam a nossa proposta analítica de interpretar o trânsito de Antonio Cândido entre diferentes diretrizes do pensamento brasileiro no século XX, o que, talvez, seja responsável por aproximar “Os Parceiros do Rio Bonito” a alguns dos textos e obras considerados como clássicos na trama do pensamento social brasileiro, principalmente, aquelas produzidas ao longo da primeira metade do século passado.

Deste modo, acreditamos que este debate é essencial ao desenvolvimento das análises sobre a produção do conhecimento histórico e sociológico no país. Ao analisar “Os Parceiros do Rio Bonito”, atentando aos aspectos que singularizam a obra diante da tradição do pensamento social brasileiro produzido nas décadas iniciais do século XX, se faz possível diversificar as análises da produção da historiografia brasileira, permitindo, talvez, contribuir, ainda que minimamente, à diversificação das bases de análise e estudo do processo de construção do discurso historiográfico no país que, de forma constante, tende à manutenção dos mesmos autores e obras como ponto de partida das reflexões sobre a construção das narrativas sobre o passado brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CÂNDIDO, Antonio. Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, 11ª Edição. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2010.

_____. A sociologia no Brasil. *In:* Revista Tempo Social. Depto. de Sociologia da USP, v. 18, n.1, 2006(a). p.271-301. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n1/30018.pdf>. Acesso em Mar/ 2015.

_____. Literatura e cultura de 1900 a 1945. p.117-146. *In:* Literatura e Sociedade; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006(b). Disponível em: http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade.pdf. Acesso em Mar/ 2015.

DOS SANTOS, Ana Carolina Vila Ramos. Pelo Movimento: natureza e modernidade em “Os Parceiros do Rio Bonito” de Antonio Cândido. 2013. 223 pag. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, 2013. Disponível em: www.biblioteca.digital.unicamp.br/document/?code=000919469. Acesso em Dez. 2014.

GOMES, Ângela de Castro. As marcas do período. *In:* GOMES, Ângela de Castro (org.). Olhando para dentro (1930–1964). Coleção História do Brasil Nação, v. 4, p. 23-40. 2013(a).

_____. População e sociedade. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). Olhando para dentro (1930–1964). Coleção História do Brasil Nação, v. 4, p. 41-90. 2013(b).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Caminhos e fronteiras. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Monções. organização Laura de Mello e Souza (org.) – 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Capítulos da Expansão Paulista. Laura de Mello e Souza (org.) – 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Raízes do Brasil. Edição Crítica. organização Pedro Meira Monteiro, Lilia Moritz Schwarcz; estabelecimento de texto e notas Maurício Acuña e Marcelo Diego – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. Índios e mamelucos na expansão paulista. p.19-154. In: Caminhos e fronteiras. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOREIRA, Luiza Franco. Ensaio e ciência: contextos e subentendidos de Os parceiros do rio bonito, de Antonio Cândido. In: Revista Conexão Letras. Revista do Programa de Pós Graduação em Letras da UFRGS. Vol. 10, nº13. 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/download/55693/33847>. Acesso em: Mai. 2016.

NICOLAZZI, Fernando. Ordem do tempo e escrita da história: considerações sobre o ensaio histórico no Brasil, 1870-1940. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza. 2013. Disponível em: <http://cdsa.academica.org/000-010/1019.pdf> Acesso em: Out. 2015.

PIRES, Cornélio. Conversas ao Pé-do-Fogo: estudinhos; costumes; contos; anedotas; cenas da escravidão. Ed. Ottoni, 2002.

_____. Musa Caipira/ As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho (o Queima-Campo). Tietê/SP: Prefeitura Municipal, 1985.

SANTOS, Luiz Antonio Castro dos. A radicalidade de Os Parceiros do Rio Bonito. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol. 17, nº 49, pp. 31-38. junho/2002 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092002000200003 Acesso em Jun 2016.